

TERCEIRIZAÇÃO DA INFÂNCIA E A AGENDA LOTADA: Refletindo sobre os impactos psíquicos do excesso de atividades.

Mayara Pérola Maciel dos Santos; Ladjane de Fátima Ramos Caporal

Faculdade de Ciências Humanas de Olinda

Este artigo propõe abordar uma temática atual, que vem sendo alvo de discussões e reflexões nos profissionais do campo da educação, e psicólogos, o excesso de atividades extracurriculares na primeira infância. Nosso objetivo, não é categorizar, nem diminuir a importância de atividades como: Judô, ballet, natação, ou até mesmo aprender inglês. Tais atividades estimulam a criança para que ela tenha uma melhor habilidade na aprendizagem e também em sua motricidade. Mas a questão é o seu excesso. A primeira infância compreende desde os primeiros meses de vida até os cinco anos de idade, neste contexto não podemos deixar de abordar as questões maturacionais do desenvolvimento humano. Neste período a criança descobre coisas novas, inicia a socialização, faz uso da imaginação e busca o brincar. Nesta perspectiva este artigo tem como objetivo principal: compreender como a antecipada inserção da criança nas atividades contemporâneas, repercutem nos aspectos de seu desenvolvimento emocional e refletem sua parentalidade. Sabe-se que nos primeiros anos de vida, o bebê necessita de cuidados. Cuidado que vai além do banho, e da alimentação, precisa do olhar do Outro. Tomando isto por base, percebe-se que na contemporaneidade a relação entre os bebês e seus pais, vem por meio da terceirização. Hoje, os hotelzinhos, as escolinhas, a tecnologia, tem ocupado um lugar que é da função materna e paterna. Os pais, colocam seus filhos cada vez mais cedo em escolas que priorizam tudo isto que fora citado acima, como uma alternativa de seu filho, já crescer “esperto”, fluente e inteligente, a fim de estar preparado para o mercado capitalista.

Palavras-Chave: Infância; Excesso de atividades; Parentalidade; Educação

INTRODUÇÃO

Mediante a Pós-contemporaneidade, novas formas de se pensar a infância se evidenciam, muitas delas nos propõem reflexões e discussões que perpassam uma gama de profissionais envolvidos neste período. Com o objetivo geral de compreender como a antecipada inserção da criança nas atividades contemporâneas, repercutem no seu desenvolvimento emocional, fomenta-se a problematização desta temática. Com isso, alguns fatores podem nos permitir esse entendimento, os quais são: a terceirização da parentalidade no contexto Pós-moderno, a preparação do filho para o mercado capitalista, e a precocíssima entrada das crianças na escolarização. No meio de tudo isto, fica a escola como um ambiente receptor dessas demandas familiares. Como uma forma de colocar o filho, em um papel equivalente a outras crianças e as demandas capitalistas, os pais passam o dia trabalhando, enquanto que a criança passa o dia da escola, em atividades extracurriculares, sobre isso interrogamos, cadê o brincar?

A justificativa de se abordar tal temática, vem das constatações de tais fatos cada vez mais intensificados, no ambiente escolar. O tempo da infância é de suma importância para um adulto saudável. Também é um período em que a neuroplasticidade cerebral está em seus picos mais altos, e o estresse entra em cena. Em

) 3322.3222

edu.com.br

casos de atividades excessivas, falamos de um estresse negativo, o estresse tóxico, que pode provocar adoecimentos na criança.

METODOLOGIA

Em relação à metodologia escolhida para a compreensão e o levantamento das informações, foi eleita a pesquisa de cunho qualitativo, e bibliográfica, pois fornecem ao pesquisador, uma gama maior de observar, descrever, e esclarecer aspectos do fenômeno a ser observado. Pautando-se em literaturas científicas sobre o tempo da infância, e o seu desenvolvimento, propõe-se o diálogo entre tais autores, a fim de discutir a relação da criança e o seu precoce início na escolarização (DYNIEWICZ, 2009).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A parentalidade em evidência: uma retomada histórica

Para compreender-se de forma mais enfática a infância atualmente, faz-se necessário volvermos o olhar para a construção histórica da infância no decorrer dos séculos. Iniciamos assim o percurso pela antiguidade, período que traz a tona as antigas culturas como o Egito e Mesopotâmia. Neste tempo as crianças possuíam uma importante função no contexto religioso, nos funerais. Além disso, o trabalho infantil era uma prática legal e habitual, além do encarceramento das crianças por motivos de dívidas. Na Grécia Antiga, as crianças dependiam do Estado, que tinha nas mãos, o destino da vida do indivíduo. O tempo da infância era totalmente ignorado e sem valor para a sociedade desta época. As crianças ao nascerem eram lavadas com vinho como forma de avaliar a sua resistência, além de se submeterem a um exame que envolvia uma gama de profissionais, cujo resultado final determinaria se valeria a pena ou não do bebê viver (LEVIN, 2001). Se o parecer dos bebês fosse negativo, os “fracos e defeituosos” eram lançados em casas de enjeitados ou nas ladeiras do Monte Taigeto, restando a eles se sobrevivessem enfrentar os quartéis, vivenciando um ambiente hostil, com chicotadas e o caldo preto da comida coletiva. Os pais deveriam preparar seu filho(o) para a guerra, enquanto que as mulheres estavam destinadas a procriação do filho e isso deveria ser repassado culturalmente as filhas.

Já em Roma o cuidado da criança e a educação foram determinados pelo Direito Romano, o que começou a nomear-se de família patriarcal, onde o

pai, o homem da família detinha o poder sobre a esposa e filhos. O seu poder também incluía a escolha da vida ou morte de seus filhos, assim como vendê-los como escravos em outro lugar. O filho era considerado propriedade absoluta do pai (LEVIN, 2001). Se este lugar fosse legitimado pelo pai, o mesmo entregava ao filho um medalhão que pendia no pescoço, o que dependia da classe social da criança, esta situação acontecia numa cerimônia, bastante significativa para que as pessoas e a família percebessem que este filho estava legitimado no discurso paterno. Ainda neste contexto, podemos refletir que em Roma, a criança era um aluno que precisava transformar-se o quanto antes em adulto. Com a homogeneização cultural da Grécia, a educação tomaram uma perspectiva diferente da anterior, sendo o tempo da infância mais visualizado e diferenciado dos adultos.

No século XVIII, o período da infância passa a ser mais discutido e observada. A criança começa a ser compreendida em suas características particulares, o que antes era visto, como um adulto em potencial. Aos poucos as diferenças foram se evidenciando com o auxílio da educação e da pedagogia. Embora, os métodos pedagógicos mostravam-se bastante severos, além disso a forma de se passar a aprendizagem era rigorosa, e envolvia castigos corporais (LEVIN, 2001). Com a chegada da renascença acontece uma mudança na pedagogia, onde esta deveria ser para todos e não para uma minoria, neste aspecto, o pai também começa a preocupar-se com a educação dos filhos.

No século XVIII as publicações sobre o tempo da infância, a importância da educação e da criação dos filhos começam a ganhar voz e a pedagogia começa a difundir outras práticas para este período. A exaltação da função materna é observada e o mito do amor materno gira em torno dela. O filósofo Rousseau em seu livro Emílio (1762), expõe a sua preocupação que a mãe deve ter para com seus filhos, principalmente na fase da amamentação. Esta preocupação se dava, pelo alto índice de mortalidade infantil na época, evidenciada pelo déficit do cuidado materno aos bebês. O pai, tinha o seu papel pautado na manutenção do lar. Neste período, a escolarização das crianças é evidenciada como uma conquista que demarca a visualização da infância no social (LEVIN, 2001).

No final do século XIX, surge a psicanálise propondo um outro ponto de vista sobre a criança. Freud elabora então a sua teoria sobre a sexualidade infantil e a apresenta como aspecto de suma importância para a construção da neurose no sujeito. Estas colocações abalaram os discursos que haviam sobre a criança, pensando-a numa perspectiva angelical. A partir da escuta das histéricas, Freud começa a perceber uma fantasia de sedução que havia por parte da menina, no seu tempo edípico. Essa argumentação fez toda a diferença para a compreensão da infância (teoria da sedução) e do deslocamento para a fantasia de sedução inconsciente (FORMOGONI; GENTIL, 2016).

É importante ressaltarmos que a criança, vem substituindo numa perspectiva freudiana o *Phallus* que a mãe castrada não recebeu. A menina ao identificar-se com aquela desejada pelo pai, e certa de que o pai não lhe dará o Falo, recalca o desejo, que poderá vir mais adiante como o desejo de ter o filho. Neste aspecto, o filho já se constitui como um sintoma, psicanaliticamente falando.

A partir de tais perspectivas pensamos então na pós-modernidade e suas transformações significativas, principalmente na parentalidade. Nesta perspectiva pensamos, que lugar o filho ocupa no desejo dos pais na pós-contemporaneidade?

Terceirização da parentalidade: o que os pais querem tamponar?

O termo parentalidade foi utilizado inicialmente por Claude Recamier no ano de 1961 em estudos sobre a maternidade e patologias psiquiátricas de ordem severa. Quando o autor propõe este novo conceito, deseja falar do processo dinâmico que os pais vivenciam, ao tornarem-se pais. Podemos dizer que é o tempo do vir-a-ser da parentalidade. Sabemos que mudanças na forma de ser mãe e pai, das famílias ocorreram e que a pós-modernidade tem uma forte influência neste fator. Assim, discutimos a terceirização da parentalidade direcionando a escola. A grande maioria dos pais de hoje tem uma carga horária de trabalho intensificada, o que já é uma problemática. Mas quando falamos de filhos, crianças o fato parece se agravar um pouco. De forma precocíssima as crianças estão adentrando no processo de escolarização. A

questão não é repudiar tal prática, mas refletir nas causas que levam a essa escolarização. Dentre os principais fatores estão à falta de tempo dos pais em cuidar dos seus bebês, contratando uma babá para esse cuidado ou algum parente da família extensa. Quando o bebê começa a engatinhar, balbuciar algumas palavras um período que seria muito rico para a vivência da parentalidade, estamos vendo que os bebês com um ano e meses já entrando na escola, pois a rotina dos pais não permitem esse tempo. O requisito é: “estejam andando com equilíbrio”.

Assim iniciam-se as estimulações precoces, que envolvem uma gama de profissionais, fonoaudiólogos, Terapeutas ocupacionais, nutricionistas, dentre outros. As atividades extracurriculares começam a evidenciar-se quando a criança está com os seus dois anos e meio de idade e se intensificam aos três anos. Atividades que envolvem natação, judô, reforço escolar, ballet, Inglês, culinária, dentre outras atividades. Em resposta a esses estímulos excessivos emergem os sintomas na infância (JUNQUEIRA, 2014).

Neste tempo da primeira infância, a vivência com a parentalidade é importante para a constituição do sujeito, marcas psíquicas vão sendo feitas neste tempo. A criança necessita de alguém que a acolha, e que ela perceba-se desejada. Na pós-contemporaneidade, os filhos ocupam em uma parcela significativa dos pais objetos de consumo. Que precisam competir e estarem aptos para as demandas vorazes da sociedade do consumo. Sobre isto pensamos, ao estimular as atividades excessiva na primeira infância, que lugar este filho ocupa no desejo dos pais? Será o de consumo?

Implicações Psíquicas na primeira infância: Sintoma como linguagem familiar

Sobre isso refletimos sobre os sintomas da infância. Os “distúrbios da aprendizagem”, o TDAH, a melancolia, as estereotípias falam deste tempo. O tempo que não é dado para esta criança brincar de forma espontânea e que o desejo dos pais muitas vezes está oculto ou apagado.

O brincar apresenta-se então como uma possibilidade para que a criança tenha acesso ao simbólico ao lúdico, onde seu corpo e os outros objetos passam a fazer parte de significações. O brincar é uma experiência que

faz com que a criança se aproprie e se inscreva no universo simbólico. Mas se a criança não tem tempo para brincar, e o seu tempo é preenchido por atividades esportivas ou que estimulem mais a sua cognição, como ela terá tempo para inventar, criar, fantasiar? (PINHO, 2006).

Jerusalinsky (2002) complementa que o brincar é estruturante e se apresenta como resposta da criança. É importante que ela tenha voz e vez na brincadeira, neste processo ela brinca de faz de conta o que indica que a mesma não está mais alienada no desejo do Outro, no mínimo ela está dando resposta ao sintoma parental. De como sua família está organizada psicologicamente.

No que diz respeito, ao desenvolvimento cerebral da criança estritamente de zero a cinco anos de idade, é imprescindível que a mesma, tenha em seu favor, um ambiente que fortaleça seus vínculos e que também possa ser propiciador de um desenvolvimento saudável. Quando a criança é submetida a um ambiente estressor, as taxas de cortisol hormônio negativo, é liberado em excesso, o que pode facilitar o aparecimento de doenças orgânicas e também psíquicas (ACCIOLY et al, 2017).

CONCLUSÃO

A infância é um período de intenso desenvolvimento tanto cognitivo, quanto psíquico. A exposição que a criança vivencia seja de ambientes acolhedores, quanto tóxicos, podem alterar o cérebro da mesma, quanto favorecer o aparecimento de adoecimentos neste tempo. Sobre isso, refletiu-se sobre a inserção precoce da criança no ambiente escolar e os excessos das atividades neste período, em que o brincar deve ser predominante, para dar a criança uma outra alternativa de simbolizar os seus impulsos e suas frustrações.

Refletimos também sobre os arranjos familiares e a parentalidade, sobre qual o lugar que o filho ocupa hoje, no desejo dos pais, ou se ele é apenas uma troca capitalista, discurso vigente atualmente.

REFERÊNCIAS

LEVIN, Esteban. **A função do filho: espelhos e labirintos da infância.** Tradução de Ricardo Rosenbusch. Petrópolis, RJ. Vozes, 2001.

PINHO, Gerson Smiech. **O Brincar na Clínica Interdisciplinar com crianças.** Escritos da Criança, nº6. Porto Alegre: Centro Lydia Coriat, 2006.

Ricardo. O Brincar e o Significante: Um estudo psicanalítico sobre a constituição precoce. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

JUNQUEIRA, Maria de Fátima de Amorim. Parentalidade contemporânea: encontros e desencontros. **Primórdios**, RJ. V.3, n.3, 2014.

ACCIOLY, Ana Carla; MENDES, Deise Maria; LYRA, Pompéia. **Efeitos dos maus tratos e do estresse x efeitos positivos das interações iniciais**. Rio de Janeiro, 2017.



V CONEDU
Congresso Nacional de
Educação

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br